

POR UMA ARAPIRACA LEITORA: FORMAÇÃO DO LEITOR NA ARAPIRAQUINHA PROFESSOR ERASMO SOARES

Eliane Bezerra da Silva (Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL)

Resumo: O projeto de pesquisa Por uma Arapiraca leitora: formação do leitor na Arapiraquinha Professor Erasmo Soares tem por objetivo proporcionar uma reflexão sobre a metodologia de leitura aplicada em uma das bibliotecas públicas distribuídas em vários bairros da cidade de Arapiraca – Alagoas, com a intenção de discutir a formação do leitor de textos literários. Propomos analisar como tem se desenvolvido as atividades de leitura na Arapiraquinha 4, bem como a pertinência dessas tarefas para a formação do leitor.

Palavras chave: leitor, literatura, biblioteca, formação

Pensando em proporcionar aos graduandos do curso de letras uma prática de leitura literária voltada para a formação do leitor a partir do contato efetivo entre o texto literário, a voz e o corpo, propõe-se, por meio do Projeto “Por uma Arapiraca Leitora: formação de leitor na Arapiraquinha Professor Erasmo Soares”- em uma concepção de literatura centrada na palavra¹, oferecer aos alunos da educação básica, no município de Arapiraca - Alagoas, um duplo encontro com os graduandos do Curso de Letras do *Campus III*, da Universidade Estadual de Alagoas (Uneal) e com o texto literário.

No que tange a arte literária, pretende-se refletir sobre um corpo a corpo significativo com o texto literário para que a leitura seja também fruição. Perspectiva muito defendida nos documentos nacionais da área de ensino de literatura na Educação Básica; entre eles, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998) e as Orientações Curriculares Nacionais (BRASIL, 2008). Corroborando com essa formação do leitor através do ensino de literatura e outras artes, a LDBN nº 9.394/96 ainda determina o cumprimento do inciso III do Art. 35, que aduz o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

¹O uso que faz tantos modos de usar a palavra para ser apenas palavra antes ou depois de ser mundo – o uso que faz essa palavra se tornar literária. (COSSON, 2014, p. 11)

Como se pode verificar, o texto literário possibilita ao leitor diversos modos de ler e de interpretar, visando ora desenvolver competência, ora dar acesso à cultura letrada. Essa ideia define muito bem o que se entende por letramento literário: “o estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler poesia ou drama, mas dele se apropria efetivamente por meio da experiência estética, fruindo-o”(BRASIL, 2006, p. 55). Uma das formadoras de regentes de arapiraquinhas reflete sobre a necessidade de envolver o brincar na relação livro-leitor.

Na última formação de regente das arapiraquinhas trabalhamos o tema brincadeiras. Na ocasião, fizemos uma roda de contação de histórias, relatos sobre as brincadeiras que cada um brincou na infância e foi possível perceber o quanto as brincadeiras foram importantes na nossa formação. Cada um fez uma volta à sua infância e por algumas vezes sentimos que alguns se emocionavam e emocionava aos outros também. Em seguida, realizamos várias brincadeiras, inclusive brincadeiras que envolvem a leitura e todos se entregaram ao ponto de se divertirem integralmente. Foi a partir dessa metodologia que passamos aos nossos regentes que o brincar é imprescindível na formação do sujeito leitor. Vi nos olhos e no estar dispostos para a brincadeira com os livros, quanto os nossos regentes tem dado o melhor de si e tem demonstrado interesse em aprender para aplicar em seu dia-a-dia nas arapiraquinhas. Para mim, enquanto formadora, o resultado da formação foi bastante motivador para acreditar que nosso trabalho tem surtido efeito.

Na Arapiraquinha Professor Erasmo Soares, especialmente nas salas de leitura dessa biblioteca, que foi escolhida como espaço a fim de que os universitários atuassem enquanto mediadores de leitura, ou melhor eles lessem expressivamente as obras para as crianças em diversas atividades, unindo a palavra e a voz ao contato com o texto literário, na programação daquele dia houve “papo” com o autor, contação de histórias, cineminha, roda de leitura, encenações e muita interação com os livros. Uma regente de arapiraquinha comenta sobre essas diversas maneiras de praticar a leitura no espaço da biblioteca.

Atualmente podemos perceber que o prazer da leitura por algumas crianças vem sendo substituída por outras atividades que elas julgam mais interessantes, tais como, jogos eletrônicos e redes sociais. O ato de ler um livro se torna enfadonho. A biblioteca vem mostrando hoje formas diversificadas de formar crianças leitoras, tais como: Roda de leitura, leitura compartilhada, leitura dramatizada, sussurrando ao pé do ouvido, roda da musicalidade, expressão corporal, através de jogos e brincadeiras, buscando formas e atrativos para que as crianças se interessem e gostem de ler. É muito gratificante acolher esses pequenos a cada dia de uma forma lúdica, divertida, participativa, envolvente e cativante que é o mundo da leitura!

Segundo Cosson (2014), a leitura literária consiste em uma palavra encantada que suplanta os cinco sentidos e que nós, leitores, incorporamos a nós e ao mundo à medida que lemos – “literatura que precisa ser alimentada pelos sentimentos, pelo desejo de dizer e ouvir o que não foi dito ainda, de expandir a compreensão e o tamanho do mundo” (COSSON, 2014, p. 33). Para ele ainda, saber ler é um poderoso fator de inclusão social, pois através da leitura se adquire um instrumento eficaz para construir, negociar e interpretar a vida e o mundo em que se vive.

Para aquele encontro compareceram professores, regentes da biblioteca, graduandos, alunos da Educação Básica e dois artistas convidados. Quem foi ao encontro marcado comenta a ida à Arapiraquinha naquela ocasião como uma experiência significativa, uma graduanda fala sobre a primeira impressão que o espaço de leitura provocou nela, confira:

Minha ida à Arapiraquinha foi uma experiência maravilhosa. Ao chegar na biblioteca, logo fiquei encantada. Deparei-me com um ambiente lindo, aconchegante, rodeado de muita criatividade. Uma decoração totalmente apropriada para um espaço de leitura, como também livros maravilhosos.

As professoras da Educação Básica que junto a seus alunos participaram daquele momento também registram no quadro a seguir a memória delas daquele encontro com os livros e com os graduandos no espaço da biblioteca pública Arapiraquinha Professor Erasmo Soares.

Não esquecemos aquela experiência maravilha, quando com nossos alunos visitamos a Biblioteca. Foi um grande aprendizado. Um encontro entre cultura local, pouco conhecida e o mundo encantado, isto através de livros, e no meio a tudo, lá estavam nossas crianças com seus olhinhos brilhantes e curiosos captando cada detalhe.

Algumas alunas foram agraciadas pela poesia do artista Afrísio Acácio, que ressaltou a beleza das musas de nossa escola.

Encontramos bruxas, fadas e piratas. Pássaros, peixes e flores entre outras figuras saltavam das mãos habilidosas da moça das dobraduras, sem falar do contato com a menina do nariz arrebitado, sua boneca tagarela, e claro, Dona Benta, nos revelando o mundo da leitura.

Numa tarde onde os personagens saíam dos livros e circularam entre nós, certamente a leitura passou a ter outro significado para nossos pequenos.

A experiência proporcionou a todos os envolvidos momentos significativos com a leitura, as palavras nos jogavam com toda força naquele universo maravilhoso, presenciamos cenas indescritíveis que nos convidavam a reagir ao espetáculo de uma maneira receptiva, pois passamos a saborear a leitura literária no corpo e na voz. Quanto ao espaço acolhedor da rede de bibliotecas públicas da cidade de Arapiraca, as Arapiraquinhas têm se apresentado como “um mundo encantado”, que atende pessoas de todas as faixas etárias, com acompanhamento do Departamento Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação (SME).

1. Experiência de leitura expressiva

A inquietação referente ao que sucede ao leitor quando lê um texto literário nos leva também a perguntar sobre o que estamos lendo quando lemos uma obra literária a partir do método recepcional ou de que maneira devemos ler o texto literário nessa perspectiva. Levando em consideração que a leitura é única para cada leitor - sendo nela que o texto se efetiva através da fusão dos horizontes de expectativas do autor e do leitor, Coelho (*apud* COSSON, 2014, p.97) afirma:

Aulas em que se fale de literatura, em que se comungue no amor da literatura, têm algo de festa ritual, inunda-as a alegria de, num impulso coletivo, descobrir, clarificar, ficando cada um enriquecido, dinamizado. Ler coletivamente (em diálogo com a obra literária, em diálogo de leitor com outros leitores) é, com efeito, além de prazer estético, um modo apaixonante de conhecimento, o ensejo inestimável de participar ativamente, ampliando a criação pelo comentário, pondo-se cada um à prova, jogando-se, inteiro, na aventura em que a palavra estética nos envolve, e ao mundo.

Para a autora, essa maneira única com a qual cada um vivencia a leitura, pode provocar mudanças no leitor, pois o texto somente torna-se conhecimento por meio da experiência leitora daquele que o lê. Confira mais um quadro em que uma graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas discorre sobre a metodologia aplicada.

Em uma das aulas, trabalhamos com os sonetos de Bocage e isso nos proporcionou sentir o soneto, pronunciar as palavras e perceber sua composição e significados. No soneto que escolhi, o eu lírico expressa anseio pela liberdade. O verso que me entusiasmou foi “atende à minha voz, que geme e brada”, eu interpretei como se fosse uma prece à liberdade. Tenho em particular um envolvimento com o referido soneto, pois a liberdade é algo por mim buscada. De início me identifiquei e fiz a escolha. Na mesma aula, recitei o poema de diversas formas, num tipo de diálogo entre palavras e meus sentidos, minha voz e meu corpo. Foi incrível. Pude perceber que a linguagem apresentava um vocabulário antigo. No entanto, para mim, o que mais importava eram os efeitos das palavras, suas formas, bem como a polissemia do texto literário e minha expressão ao recitá-lo.

Na fala acima, percebe-se que o leitor é atravessado pelo texto na recepção, a experiência estética sobre o leitor se dá ao vivenciá-la intensamente. Nesse movimento o leitor é fisgado pela escritura, pois a partir do diálogo leitor-texto é que se pode observar a coprodução do leitor. Cosson afirma que a leitura nas teorias centradas sobre o leitor, começa no momento em que o leitor se dirige ao texto, na experiência estética:

É apenas no momento da interação ou da transação entre leitor e texto que o sentido se efetiva, de modo que, sem o leitor, os livros, por exemplo, não passam de papel com tinta. Na verdade, nas concepções mais radicais, ler é uma espécie de projeção do leitor sobre o texto, o qual é pouco mais que um pretexto para esse exercício de elaboração dos sentidos trazidos pelo leitor de sua experiência de vida. Em outros casos, ler é uma negociação do leitor com o texto, ou seja, o texto é tomado como um conjunto de pistas que devem ser perseguidas pelo leitor ou um espaço com vazios que devem ser preenchidos pelo leitor (COSSON, 2014, p. 38).

Para mostrar que a experiência de leitura literária na perspectiva da recepção possibilita que o leitor apreenda o sentido do texto, aponta-se a necessidade da interpretação individual no contexto significativo do leitor a procura do sentido, uma vez que para preencher as lacunas textuais necessita-se que o leitor deduza, reescreva e interprete o lido. Segundo Iser, “sem a introdução do leitor, uma teoria do texto literário já não é mais possível”, pois “os textos só adquirem sua realidade ao serem lidos”. (1996, p. 73).

Para chegar ao sentido da obra literária, faz-se necessário algumas estratégias de leitura a fim de garantir o movimento de retornar às lembranças, expectativas, vivências e imaginação do leitor ao interpretar o texto. Mas, “é importante compreender que as estratégias são um meio e não um fim, ou seja, elas são importantes para

compreender os textos, para o processo de leitura, mas o fim é a leitura daquele texto, o que ele diz e como diz, a sua compreensão e interpretação é que deve ser o resultado da atividade.” (COSSON, 2014, p. 118).

Diante da necessidade de formar leitores, uma das regentes da Arapiraquinha contemplada com essa proposta de leitura fala sobre a responsabilidade de cada cidadão, especialmente da família na formação do leitor.

Há aproximadamente sete meses, comecei a trabalhar como regente em uma das Arapiraquinhas, mas me encantei não só com o espaço físico como também com o objetivo do projeto que, sem dúvida, é uma iniciativa exemplar. A proposta além de incentivar à leitura, visa ainda promover o acesso aos bens culturais e a informação, gerando oportunidade não só para as crianças, mas ao usuário de forma geral.

Quanto ao modo como eu me sinto em relação ao trabalho que realizo, vou ser bastante sincera: não me sinto muito confortável, pois sinto não ter a competência necessária para desempenhar as atividades que tão brilhantemente são passadas para nós (regentes), pela equipe de coordenação das Arapiraquinhas. Contudo, me esforço no que é possível, pois tenho consciência da importância desse trabalho, de como podemos mudar a vida de uma pessoa, principalmente de uma criança, através do gosto pela leitura, e conseqüentemente de toda a sociedade, pois um país se faz com homens e livros.

É dever da família, especialmente dos pais, enfim, de toda a sociedade, estimular na criança, (a partir da mais tenra idade), o prazer de sonhar e realizar sonhos através do prazer da leitura, pois tudo começa desse princípio.

Nesse sentido, foi solicitado que se destacasse o que mais entusiasmara os alunos durante a apreensão da obra lida. Em seguida esse mesmo recorte deveria ser dramatizado por eles; mas, antes da teatralização dos respectivos textos selecionados, cada um reproduziu o seu texto no quadro a fim de que todos soubessem a escolha efetivada, e assim fosse desencadeada uma leitura seguida de discussão da obra estudada a partir dos recortes apresentados.

Por ser a obra tão rica em detalhes e com um enredo fascinante, não foi difícil discuti-la a partir dos cortes efetivados por cada universitário. Todos compartilharam seus trechos deixando claro em suas expressões o prazer de ler bem como desejo de participar da leitura coletiva, revelando em diversas falas o envolvimento com a leitura nas interações. O quadro seguinte registra mais um comentário de uma aluna do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas sobre a experiência dela de prática leitora.

Quando parei para decidir que trecho iria socializar para meus colegas, não foi fácil. A história é extremamente apaixonante, e os personagens trazem consigo os mistérios da alma humana. Pensei que para aquele momento o viável seria defender que quando o

verdadeiro amor nasce e se encarna na alma dos amantes é impossível ser desfeito. Parafrazeando o cantor Fagner “o amor deixa marcas que não dá pra apagar”. Tomei posse da passagem da obra que narra o primeiro encontro de Aurélia e Seixas. Foi fabuloso. Naquele momento o texto era meu, me identifiquei com a passagem e com muita responsabilidade partilhei a minha leitura e defendi que em momento algum os protagonistas deixaram de amar-se.

Percebe-se que a leitora do relato acima apela para o conhecimento de mundo dela na medida em que evoca cenas de outras vivências de leitura. Iser (1996) denomina repertório do leitor ao conjunto de normas sociais, históricas e culturais trazidas pelo leitor como bagagem à leitura. São essas normas que constituem o pano de fundo da obra e fomentam o jogo entre leitor-texto quando no ato da leitura confrontam-se o repertório do leitor e o do autor.

Ainda nessa perspectiva, outros graduandos socializaram as respectivas leituras do texto selecionado de forma expressiva, momento em que pudemos perceber a fusão de outras artes, a exemplo da música e do teatro com a arte literária. De um lado, uma graduanda construiu a dramatização do texto, as formas do figurino e do cenário traduzindo o texto escrito em uma cena de espetáculo teatral, a dramatização foi muito intensa; de outro lado, uma outra graduanda musicara outro trecho, e despertou através do canto dela muita emoção nos ouvintes.

Foi muito prazeroso apreciar uma cena da obra musicada, outra dramatizada demonstrando também a intimidade que cada um tinha com outras artes além do conhecimento da obra literária em estudo. “Ora, a voz é querer dizer a vontade de existência, lugar de uma ausência que, nela, se transforma em presença; ela modula os influxos cósmicos que nos atravessam e capta seus sinais: ressonância infinita que faz cantar toda matéria...” (ZUMTHOR, p. 9, 2007).

Por meio dessa experiência estética descobrimos a possibilidade de se tirar grande proveito tanto da palavra quanto do potencial artístico de cada leitor. Mas, para que isso aconteça, é necessário que se mergulhe na leitura da obra literária, a fim de que cada leitor, individualmente, possa apreender o que se encontra nas entrelinhas, no sentido do texto.

2. Formação do leitor na arapiraquinha

Enquanto mediador da leitura, o professor pode proporcionar ao aluno uma percepção maior do mundo. “Você pode ler não importa o que, em que posição, e os

ritmos sanguíneos são afetados. É verdade que mal conceberíamos que lendo em seu quarto, você se ponha a dançar e, no entanto, a dança é o resultado normal da audição poética! A diferença aqui é apenas de grau” (ZUMTHOR, 2007, p. 37-38).

Acreditamos que uma experiência de leitura que visa à formação de leitor em sala de aula ou em qualquer lugar é importante, pois os graduandos de Letras serão os principais mediadores nessa formação. De fato, a interação entre leitor e texto não se efetiva de qualquer modo, para que haja esse processo necessita-se do amadurecimento resultante de uma frequente prática leitora que possibilitará ao leitor envolver-se com aquilo que lê.

A participação no projeto de incentivo à leitura realizado na Arapiraquinha 4, proporcionou - me muitos momentos de reflexão. Ao me deparar com aquelas crianças carentes, em busca de fantasias, percebi que a literatura precisa ser vivenciada por meio de experiências concretas e não apenas através de elucidações. Percebi também que a arte, em sentido geral, é uma necessidade humana, assim como a alimentação, a saúde e a educação. Como bem ressalta o mestre Antônio Cândido, todos precisamos fantasiar. Enquanto estudante de letras, acredito que preciso participar mais de projetos de incentivo à leitura, foi muito prazeroso sair da universidade para proporcionar experiências literárias para crianças. A gente percebe como elas saem felizes dessa realidade caótica e ingressam no mundo da fantasia, onde tudo é possível. Quanto a minha formação, também senti os efeitos do texto literário através dos meus movimentos naquele encontro.

O que nos chama a atenção no relato da experiência desse graduando é quando ele afirma que não é somente ver a literatura como algo distante e abstrato, mas se torna necessário aproximá-la, senti-la como uma experiência concreta. Outro aspecto que se destaca é a emoção que ele sente ao proporcionar àquelas crianças momentos de contato direto com o texto literário. Percebe-se nessa fala ainda que os graduandos não levaram para a Arapiraquinha apenas prática de leitura em voz alta, dramatizações, coro falado, contação de histórias e caracterização dos personagens, eles levaram especialmente a paixão pelas letras.

Naquela tarde, os universitários iniciaram a série de atividades com os sussurradores², eles inundaram as crianças de poesia, notou-se que estas a receberam de forma prazerosa e imediatamente tomaram a iniciativa de retribuir a leitura sussurrando

²Um grupo Francês teve a brilhante ideia de criar um projeto intitulado Les Souffleurs. O projeto fez tanto sucesso que já se estendeu para outros países. A ação desse projeto é sussurar uma poesia nos ouvidos das pessoas para que elas apreciem o belo. O instrumento utilizado é um tudo.

textos dos quais gostavam aos ouvidos dos graduandos; momento esse de surpresa e encantamento, pois na primeira tarefa os mediadores de leitura (os alunos do curso de letras) já conseguiram motivar os leitores iniciantes.

A segunda consistiu em um papo com dois artistas: Afrísio Acásio do Acordeon e o cordelista José Amaro. Nessa conversa aprendemos um pouco mais sobre cordel e música. Dando continuidade à série de tarefas, foi iniciada uma roda de leitura, todos sentados formando um círculo. Enquanto uma graduanda contava uma história, crianças e adultos - muitos satisfeitos - a ouviam atentamente. Nessa atividade, percebeu-se que se pode ler de um jeito diferente que encante o outro para que a leitura não se torne desinteressante, mas o que mais nos chamou a atenção foi a maneira com que o corpo literário e o corpo humano se entregaram um ao outro entre gritos, sussurros e olhares.

Para a proposta da atividade "Professor Pirata", além de se caracterizar, o graduando levou uma mala repleta de surpresa. Cada objeto retirado da mala pelas crianças tinha uma história a ser contada de forma resumida pelo pirata. Ele ainda aproveitou o número para presentear aos alunos com paradidáticos a medida que o aluno encontrava o livro na mala. Mas, o que marcou essa atividade foi a seriedade com que o graduando conseguiu entrar na personagem. "Encarnei um personagem fictício e, por algumas horas, esqueci até de mim. Fui criança de novo. Acredito que as crianças me permitiram isso."

Esses momentos de leitura expressiva têm proporcionado uma incrível percepção do belo, as atividades de leitura na perspectiva do letramento literário têm demonstrado o quanto é relevante o contato direto com o texto e como esta experiência pode nos modificar, pois se trata de adquirir muito mais do que conhecimento, fazer descobertas e educar a sensibilidade das pessoas envolvidas na experiência leitora. Como registro do vivido, segue mais um quadro com um depoimento do encontro entre corpo humano e corpo literário por um graduando.

Foi possível perceber no olhar das crianças o quanto elas ficaram envolvidas com o que nós, alunos de Letras, desenvolvemos naquele local nesta ocasião. É a partir daí que percebemos a vontade daquelas crianças de aprender diversas práticas como as dobraduras, contação de histórias em suas diversas formas bem como as fantasias de personagens de cunho imaginário que nós graduandos estávamos utilizando. É viável ressaltar a grande contribuição que a leitura teve para a formação daqueles leitores até então iniciantes. Diante disso, entre tantos aspectos que chamaram-nos a atenção, percebe-se que tudo nos leva ao mesmo objetivo, ou seja, a grande e imprescindível contribuição que o "corpo a corpo", a "voz", "o contato direto" e a

leitura literária têm no processo de formação de leitores, não só focados na leitura, mas, também em ler e ouvir para quem está em volta.

A experiência vivida pelos leitores certamente os acompanhará na leitura de outras obras, como afirma Eliana Kefalás (2009): “...estar exposto ao texto significa deixar-se conduzir por ele, deixar que seu ritmo se imprima naquele que lê, deixar que as palavras o contagem”(p.29). Quando de fato isso acontece, o leitor deixa de ser um mero colhedor de informação para ter uma experiência verdadeira.

3. Conduzindo os alunos à reflexão

No trabalho com a leitura, exploraram-se o corpo e a voz dos graduandos e alunos da Educação Básica envolvidos na leitura, os quais revelaram suas impressões por meio de uma conversa informal (observação participante) e registro escrito sobre a memória de leitura de cada um deles. Assim, parte-se da hipótese de que uma leitura viva e significativa torna-se relevante para a formação de leitores como algo que só se torna possível quando o texto provoca um impacto, ampliando ou alterando ideias, conceitos e valores do leitor. Atente ainda para a fala de um graduando comentando sobre a crise do ensino de literatura na Educação Básica.

Uma aula de literatura centrada na periodização literária não contempla a verdadeira experiência com o texto literário. Geralmente na Educação Básica, aula de leitura literária é decorar resumos de grandes clássicos, de modo que o aluno não sente o texto em seus sentidos e não percebe o caráter polissêmico da linguagem literária. Essa perspectiva de leitura, ao contrário, objetiva incluir o graduando dentro da verdadeira experiência literária. Isso porque, mais que datas e resumos, a professora permite que a Estética da Recepção seja praticada em sala de aula.

Comentando a relação texto-leitor, Jauss (*apud* ZILBERMAN, 1989, p. 33) afirma que “a possibilidade de a obra se atualizar como resultado da leitura é o sintoma de que está viva”, pois a leitura para se efetivar depende do horizonte de expectativas de cada leitor, que só se torna possível quando o texto provoca modificações nele. Larrosa (2002) nos diz que o saber oriundo da experiência deriva da elaboração de sentidos sobre o que nos acontece, a maneira como se dá o encontro do corpo do leitor com o corpo do texto, especialmente quando o primeiro é tocado pelo fazer literário, lembra esse conceito experiência. O sujeito da experiência “é um sujeito alcançado, tombado,

derrubado. Não um sujeito que permanece sempre em pé, ereto, erguido e seguro de si mesmo; não um sujeito que alcança aquilo que se propõe ou que se apodera do que quer” (2002, p.25) Torna-se então possível aproximar a teoria do efeito estético e da recepção de Iser (1996) com a noção de experiência de Larrosa.

A presença de vazios se faz em todo tipo de texto, mas nos literários eles entram como elementos de suma importância, propositalmente acionados. Iser (1979) afirma que o valor de um texto ficcional está vinculado, entre outros fatores, à forma como o escritor preenche e conecta entre si os vazios. O leitor deve buscar no texto o que está nas entrelinhas e ir preenchendo as brechas deixadas pelo autor, ou seja, interpretando – conforme seu repertório de leitura – seu conhecimento prévio e até mesmo a visão de mundo. Diante do inacabamento do texto, o leitor está sempre a reescrevê-lo sem jamais terminá-lo. A travessia da leitura se dá por infinitas possibilidades de relações, desencadeadas pelos pontos de indeterminação do texto e pelo incessante movimento da estrutura narrativa que o impele a revisitar a vivência de leitura do leitor.

Segundo Iser (1996, p.10), “A leitura só se torna um prazer no momento em que nossa produtividade entra em jogo, ou seja, quando os textos nos oferecem a possibilidade de exercer as nossas capacidades”. É essa fusão entre o repertório do autor e o repertório do leitor que gera o prazer da leitura. Registro aqui mais uma reflexão de um graduando sobre a experiência vivida no espaço da biblioteca pública, na Arapiraquinha.

A realidade é que naquela tarde todos voltamos no tempo, e éramos todos crianças. As crianças se divertiam conosco e nós com elas. Pairava nos ares a fantasia, o imaginário e todos sorriam. Brincadeiras, fantoches, músicas, livros, este era o cenário daquela biblioteca que diferente das outras tão silenciosas estava em festa. Tudo aquilo superava as expectativas, era tudo tão natural, que todos sem exceção estavam embalados no mundo da imaginação. Cada um queria passar o seu melhor para aqueles pequenos e aproveitamos para incentivar à leitura através da capacidade de viajar nas asas do instrumento mais que essencial à vida, o livro - que alimenta o intelecto do homem, do menino. Aquele momento sem dúvida ficou marcado na memória de todos os alunos do Curso de Letras, pois nos proporcionou um contato mais que efetivo com aquelas crianças, que traziam consigo uma inocência no olhar e uma energia fervorosa ao desenvolver todas as atividades.

Nesse processo de recepção textual, o leitor será coprodutor de seu significado, isso implica uma participação ativa daquele que lê, sem dessa forma sufocar-se a autonomia da obra. Por intermédio do método recepcional, o aluno, de forma efetiva, vai se familiarizando com os textos e aos poucos descobrindo que a leitura é prazer e não

apenas obrigação, pois o método recepcional valoriza o papel do leitor como parte do processo de produção da obra, uma vez que dele vem a possibilidade de construção do significado no corpo a corpo com o texto literário.

Urge refletir sobre a prática pedagógica no tocante à formação de leitores a partir desse relato de experiência de leitura na Arapiraquinha Professor Erasmo Soares, pois os graduandos e os alunos da educação básica ficaram desejosos de mais idas às Arapiraquinhas. Diante do desafio proposto, nota-se, especialmente pelas falas dos graduandos e a descrição da recepção do texto literário pelos leitores inciantes, a necessidade de abrir ponto de questionamentos e debates sobre modos de ler literatura dentro e fora da sala de aula.

Referência Bibliográfica

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.** Brasília: Ministério da Educação, 2008.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).** Brasília: MEC, 1996.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Círculos de Leitura e Letramento Literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético.** Trad. Johannes Kretschmer. 2 Volumes. São Paulo: Ed. 34, 1996 (Vol. 1), 1979 (Vol. 2). Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

LARROSA, Jorge. “**Notas sobre a experiência e o saber da experiência**”. *Revista Brasileira de Educação*, número 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

OLIVEIRA, Eliana K. **Corpo a corpo com o texto literário.** Tese (doutorado) Campinas, SP: [s.n.], 2009.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura.** SP: EDUC, 2007.

VILLADI, Raquel. **Ensinando a Gostar de Ler e Formando Leitores para a Vida Inteira.** Rio de Janeiro: Dunya, 1999.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura.** São Paulo: Ática, 1989.

